

---

## AS CORRIDAS DO UMBU NA ALDEIA KATOKINN

---

### THE UMBU RACE IN KATOKINN VILLAGE

---

Letícia Alves Valentim<sup>1</sup>  
José Adelson Lopes Peixoto<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo tem como objetivo descrever as Corridas do Umbu, um dos principais rituais praticados na aldeia dos Katokinn, no município de Pariconha, Alagoas, Nordeste brasileiro, abordando os seus significados e a sua importância para a afirmação étnica e elemento fundamental no processo de reconhecimento da referida etnia. Pretende-se identificar, como essa atividade é descrita, percebida e expressada, atualmente, por algumas lideranças. A metodologia foi pautada na pesquisa qualitativa, revisão de literatura etnográfica em autores como: Amorim (2010), Barreto (2010), Batalha (2017) e Peixoto (2018), trabalho de campo: pesquisa e observação participante, realização de entrevistas com algumas lideranças femininas. O resultado da pesquisa aponta para uma fragilização discursiva das entrevistadas, se opondo ao que ocorre na prática. Concluindo que enquanto lideranças, praticantes e conhecedoras do Ritual e principais responsáveis por sua execução ao longo dos anos, ao falarem dele, seus relatos não correspondem ao que fazem e representam.

**Palavras-chave:** Cansação. Dança. Resistência. Ritual.

**Abstract:** The study aims to describe the Umbu Races, one of the main rituals practiced in the Katokinn village, in the municipality of Pariconha, Alagoas, Northeast Brazil, addressing its meanings and importance for ethnic affirmation and a fundamental element in the process recognition of that ethnicity. It is intended to identify how this activity is currently described, perceived and expressed by some leaders. The methodology was based on qualitative research, review of ethnographic literature by authors such as: Amorim (2010), Barreto (2010), Batalha (2017) and Peixoto (2018), fieldwork: research and participant observation, conducting interviews with some female leaders. The research result points to a discursive weakening of the interviewees, opposing what happens in practice. Concluding that as leaders, practitioners and connoisseurs of the Ritual and primarily responsible for its execution over the years, when speaking of it, their reports do not correspond to what they do and represent.

**Palavras-chave:** Cansação. Dança. Resistência. Ritual.

### Introdução

O estudo trata da descrição das Corridas do Umbu. Um dos principais rituais que ocorrem na aldeia dos Katokinn e em outras etnias do Alto Sertão de Alagoas, no Nordeste brasileiro. O trabalho aborda os significados e a sua importância para a afirmação étnica do referido povo e como a festa tornou-se um marco no processo de reconhecimento étnico, entre 2000 e 2002, de algumas etnias resistentes da região, consideradas Pontas de Rama em relação aos Pankararu, o Troco Velho, localizado entre os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia-PE.

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação da Licenciatura Intercultural Indígena-CLIND-AL, em Pedagogia, na Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL. É secretária escolar na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, na Aldeia Katokinn, onde exerce papel fundamental nos rituais do seu povo. E-mail: leticia.valentim@alunos.uneal.edu.br.

<sup>2</sup> Professor Titular no Curso de História, na Uneal - Campus III. Coordena o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas - CLIND-AL, em História e o Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas - GPHEAL. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br.

O objetivo é identificar como essa importância, descrita na literatura, é percebida e expressada atualmente por algumas lideranças. A metodologia se configura enquanto pesquisa qualitativa, com base na revisão etnográfica, trazendo elementos da pesquisa participante, com a vivência pessoal da autora, indígena Katokinn, além de uma parte empírica exploratória, com algumas entrevistas a lideranças femininas da aldeia.

O ritual é uma valiosa expressão cultural, cuja tradição consiste em trazer ao público, uma atualização de rituais lembrados junto aos Pankararu, a partir das memórias dos mais antigos da Katokinn, antes da revelação de seu etnônimo. A tradicional festa do umbu é um evento ritualístico no qual comemora-se a safra do fruto do umbuzeiro nas comunidades indígenas descendentes dos Pankararu, localizadas no município de Pariconha, Alto Sertão do Estado de Alagoas.

A metodologia, pautada na pesquisa qualitativa, na revisão de literatura etnográfica, em elementos da pesquisa de campo com observação participante e realização de entrevistas gravadas com algumas das lideranças femininas. Teoricamente, o artigo encontra-se amparado nos pressupostos de Amorim (2010) Barreto (2010), Batalha (2017) e Peixoto (2018), para a revisão de literatura, além de matérias publicadas na imprensa estadual.

Empiricamente, foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo e exploratório com entrevistas estruturadas, com 14 perguntas, no mês de janeiro de 2020, como instrumento de produção e coleta de dados. O critério de escolha dos sujeitos de pesquisa foi o conhecimento notório de seus saberes no evento pesquisado, as referências constantes das lideranças da aldeia e por terem participado dos rituais desde o início de 2003, quando do reconhecimento étnico.

Dessa forma, as selecionadas foram quatro (04) mulheres, sendo uma liderança e três Mães de Praiás<sup>3</sup>, com faixa etária entre 40 e 80 anos de idade. É importante ressaltar que alguns homens correspondiam plenamente aos critérios, mas a nossa opção era ouvir e dar visibilidade às mulheres. Outra questão, era a necessidade de ouvir um homem com papel na condução do ritual, porém os dois últimos pajés haviam falecido e a aldeia estava sem pajé, o que só veio a ser nomeado no início de 2022. As entrevistas realizadas, em visitas domiciliares, foram gravadas em arquivo M4a e transcritas em arquivo Word; as entrevistadas optaram por não ficarem no anonimato, permitindo suas identificações nominais.

---

<sup>3</sup>Praiá é o nome dado as vestes feitas de fibra de caroá ou croá, essas vestes são usadas em rituais somente por indivíduos do sexo masculino, cada Praiá tem um nome e um significado referente a cada encantado que vem a ser homenageado, reverenciado e oferendado. Já a Mãe ou Pai de Praiá são pessoas preparadas e iniciadas pela posse de uma Semente e confirmada por um Pajé. Sendo assim, são responsáveis por cuidar dessas vestes e dos respectivos Encantados.

Este artigo se apresenta configurado em três partes, a primeira descreve a caracterização geral do evento, a segunda apresenta, de forma mais detalhada, cada etapa das Corridas do Umbu, explicando sua realização, como a Abertura do Terreiro, a Flechada do Umbu, a Puxada do Cipó, a Queima do Cansação e o Encerramento do ritual e a terceira e última parte apresenta uma conclusão provisória ou possível até o momento.

### **Ciclos da Corrida do Umbu**

A Corrida do Umbu, tradição que ocorre entre os meses de dezembro e março nas comunidades indígenas, desde os antepassados até a atualidade, serve como instrumento de valorização e fortalecimento para os povos indígenas do Alto Sertão de Alagoas. Os povos Katokinn, Jiripankó e Karuazú são etnias que seguem tradicionalmente a data de início e término das Corridas do Umbu, na aldeia de Pankararu.

O evento na comunidade Katokinn se inicia com a Puxada do Cipó e o Flechamento do Umbu, terminando uma semana antes do Domingo de Páscoa com a Entrega das Corridas ao Mestre Guia, pelos Encantados<sup>4</sup> considerados divindades.

O início da celebração é marcado quando um indígena encontra o primeiro umbu da safra, ou “imbu” como os indígenas costumam chamar. A Cacica Nina Katokinn comenta que parece um auxílio da natureza, mandando primeiro um fruto do imbu e só depois o restante da safra (BARRETTO, 2010 p.118 *apud* BARRETTO, 2007).

A literatura já documentou diversos aspectos da festa com depoimentos da Cacique Nina, Maria das Graças Soares de Araújo, mas aqui temos outros aspectos abordados, além da descrição do ritual, também a importância da mesma para os Katokinn que consideram o umbuzeiro uma árvore sagrada, devido à festa e ao uso de seus frutos, no mais importante dentre seus rituais.

Os umbuzeiros dão sentido ao evento ritualístico que, na comunidade, teve início por volta dos anos de 2003, ocasião em que as lideranças tradicionais e o pajé eram responsáveis pela procura do fruto; depois de encontrado, realizavam uma reunião com as mães, pais e zeladores<sup>5</sup> de Praiás para decidir os preparativos e a data do Flechamento do Umbu, na Aldeia. Atualmente, com a ausência do pajé, a Cacique Nina, e as lideranças exercem essa função.

---

<sup>4</sup> Encantados são entidades que têm relação com o divino, estando associados à natureza. Sendo assim, são fontes de coragem e proteção e se comunicam com os humanos.

<sup>5</sup> Os zeladores são jovens escolhidos por mães ou pais de Praiás, para cuidar das vestes dos Encantados.

O ritual tem início em dezembro com a Abertura do Terreiro, Puxada do Cipó e Flechada do Umbu, tendo continuação em meados de fevereiro com as Corridas do Umbu, em meados de março. Esse evento tem suas etapas celebradas em dois Terreiros no mesmo dia - espaço físico e mítico, onde são realizados os rituais abertos com os Praiás, comunidade que deve passar por um processo de limpeza antes de todas as obrigações. As corridas são um conjunto de rituais realizados dentro de uma determinada época do ano, momento de fé e respeito às Forças Encantadas. Quando questionada se existe alguma preparação para participar do ritual, a Cacique Nina, relata que:

Há sim, esse...esse é o mais fundamental, porque isso tem de ter um prepario...um prepario de espírito, espírito e alma, não pode beber, não pode namorar, então esse período vai quatro semana, com quatro domingo e três dias que pra poder fechar o ritual (ARAÚJO, 2020).

Os fundamentos para a preparação são essenciais, como enfatizou a Cacique Nina. Nesse momento, cada participante passa por um processo de cuidados e proibições de atividades cotidianas, seguindo as orientações de seus líderes. Os aspectos de proibição são referidos pelo antropólogo Adelson Peixoto em relação às mulheres:

[...] Da mesma forma, é exigida a limpeza da mulher que exerce algum papel no ritual, sendo totalmente interdita durante o período menstrual, pois essa condição não oferece segurança para limpeza da matéria, ação indispensável à participação em eventos religiosos (PEIXOTO, 2018, p.122-123).

Se faz necessário que todos os envolvidos no ritual estejam devidamente preparados para ocupar uma função, seja no terreiro, cozinha ou salão, por esta razão, todos devem seguir as regras propostas pela liderança responsável, evitando que qualquer indivíduo fique acometido por algum tipo de doença.

### **Abertura do Terreiro**

A primeira sequência da festa é a Abertura do Terreiro, quando o mesmo é tomado pelos Praiás, causando muita emoção e prendendo a atenção do público ao seu redor, assistindo, mas só tem acesso a esse espaço a partir do início do Toré. A abertura do Terreiro acontece no sábado à noite, mas devido ao escuro, raramente são tiradas fotografias, e quando tiradas é com pouca qualidade, como mostra a foto a seguir:

#### FOTOGRAFIA 1: Abertura do Terreiro



Autor: Leticia Valentim /Arquivo pessoal (2022)

Esse é um momento de fundamento ritualístico que garante o sucesso de toda a festa, no qual o Pajé, o cantador e a Cacique cantam o toante<sup>6</sup> inicial, manuseando seus elementos de uso pessoal, como o ‘Maracá’, que está na mão dos Praiás, apresentado na foto anterior.

Esse rito é muito importante para os Katokinn, pois além de representar uma prática identitária, proporciona diversão e alegria. O momento da abertura e as convocações tornam o Terreiro um espaço que passa a ser domínio dos Praiás. Tais seres possuem uma ampla descrição na literatura etnográfica, como complementa Batalha:

Após a execução do toante inicial, a cantoria continua enquanto os Praiá invocados vão chegando e dando seu sinal de voz. Eles fazem uma espécie de reconhecimento da área convocando os protetores com suas gaitas [...] (BATALHA, 2017, p.77-78).

A beleza do ritual descrito por Batalha pode ser acrescida do fato de marcar o primeiro momento que o público vê os Praiás, causando muita admiração pela desenvoltura na dança, pelos adereços coloridos e sons emitidos por eles. Mas essa festividade também é contrastada com momentos de concentração, fé, preparação com restrições e renúncias para garantir o bom andamento dentro de fundamentos e comportamentos voltados à espiritualização.

Esse ritual não aconteceu nos anos de 2019 e 2020, devido à Pandemia da Covid-19 que exigiu o distanciamento físico das pessoas, o que deixou a comunidade triste e enfraquecida na demonstração de sua força ritualística. O retorno da Festa, em 2021, ainda no contexto da pandemia, porém após a vacina, representou uma renovação das forças e um reaquecimento nas relações do homem com as suas divindades.

Após a Abertura do Terreiro os Praiás dançam em uma grande fila, na sequência são cantados vários toantes entoados aos sons do Maracá e em seguida dançam a Pareia - dança em que duas mulheres indígenas, formam pares com os Praiás, sendo uma mulher de cada lado. Ao longo da noite esse processo se repete por várias vezes, havendo apenas troca de cantador e dançadeiras. Cada Praiá possui um significado que fica exposto em suas cintas de maneira a

---

<sup>6</sup> Toante canto tradicional usado para evocação dos Encantados.

distingui-los dos demais, através de desenhos de animais, pássaros, serras, paisagens, nomes, entre outros.

Na sequência do ritual, na madrugada do sábado, quando se inicia o Toré, rito aberto à comunidade, parentes e visitantes, os Praiás se retiram do Terreiro, enquanto a comunidade fica até o dia clarear. No Toré, todos dançam em pares ou individualmente de forma circular, ao mesmo tempo em que vão cantando. Homens, mulheres e crianças se juntam em um só ritmo, de pés descalços pisando no chão do Terreiro, afirmando sonoramente a resistência étnica Katokinn e o pertencimento religioso.

Durante o Toré puxado pelo cantador, ao som de vários maracás, os demais respondem com alegria e energia na batida dos pés. Ao raiar do dia, os resistentes que ainda não tinham se recolhido vão para suas casas tirar um rápido cochilo. Os Praiás e alguns integrantes do Povo Katokinn retornam ao Terreiro na manhã do domingo, para o segundo momento.

### **Flechada do Umbu**

A segunda etapa da Festa do Umbu, tem início no domingo pela manhã, quando chegam os primeiros Praiás, que dançam um pouco e em seguida se dirigem ao Salão ou Poró de Katokinn, onde é servido o café da manhã. Depois de comerem e descansarem, retornam para mais um momento de dança. E assim, entre a chegada de um e de outro, é servido o almoço, composto de pirão, arroz e carne de boi ou carneiro. Os Praiás são os primeiros a serem servidos, depois os visitantes e, na sequência a comunidade.

Após o almoço, retomam as danças dos Praiás e ao entardecer, ocorre o momento mais esperado do dia, a Flechada do Umbu, que é um dos principais rituais de abertura das Corridas, onde é celebrada a safra do fruto. O flechamento do Umbu é realizado com muita animação e amplamente descrito pela literatura, conforme Peixoto, ressalta sua importância e significado:

Na ordem, o primeiro a tentar flechar o fruto, são os Praiás, caso não consigam, passa a vez para as lideranças ou para alguém escolhido pelo pajé. Essa festa é vista como garantia para proteção de toda a safra, devido à crença de que ao encontrar uma árvore frutífera, um dos seus frutos deve ser acertado com uma flecha e com essa ação, transferem o encanto para cuidar da árvore e evitar que os frutos sejam estragados pelos insetos. Essa prática se aplica ao fruto abundante em cada região; no Sertão, o umbu (PEIXOTO, 2018, p.125).

Nessa perspectiva, a flechada e o encanto tem todo um significado sobre a safra a cada ano. Assim, o Praiá ou Pai de Praiá que flecha o umbu oferece ao encantado em seu Salão<sup>7</sup>, a

---

<sup>7</sup>Salão espaço sagrado que fica geralmente localizado na residência de seu responsável ou nas proximidades do

primeira umbuzada, que é o umbu, fruto doce e azedo, cozinhado com leite e açúcar. A umbuzada é oferecida aos Praiás e ao público, no terceiro domingo das Corridas. A imagem a seguir expõe o flechamento do umbu, uma das mais importantes etapas do ritual das corridas.

FOTOGRAFIA 2: Flechada do umbu



Autora: Juliana Barreto, 2008.

Como mostra a foto, os umbus encontrados são colocados em um saquinho feito de folha da mamona ou mamoneira, planta muito comum no Nordeste brasileiro. O saquinho de umbu é amarrado em um suporte de tronco de madeira, mais popularmente conhecido por trave.

Esse momento é um dos mais esperados pela comunidade, pois é a partir daí que se dá início às corridas, onde os Praiás se deslocam até o local do flechamento, nas proximidades do Terreiro. O Batalhão se organiza, com a ajuda de lideranças, a uma distância de 7 passos da trave. Caso nenhum dos Praiás consiga acertar o alvo em sua primeira tentativa, pela tradição, essa distância pode ser reduzida e inicia-se uma segunda e terceira rodada. Persistindo o não flechamento, é dada a oportunidade a uma das pessoas mais velhas, do sexo masculino. Depois desse ciclo, vem na sequência a Puxada do Cipó, que ocorre logo após o flechamento.

### **Puxada do Cipó**

Depois da flechada do umbu, os Praiás voltam para o Terreiro, dançam ao som do toante daquele Encanto que flechou o umbu e em seguida seguem para o Poró, pegam o cipó e vão novamente para o Terreiro e dançam mais três toantes, desta vez, com o cipó que é uma planta de ramos longos e flexíveis que crescem enrolados aos troncos das árvores como se fossem cordas, e recebe o nome comum de trepadeiras e lenhosas. Essa planta é retirada da natureza um dia antes do ritual por um homem escolhido pelo Pajé ou liderança, ficando responsável por essa função que deve ser exercida com compromisso seguindo as orientações.

---

Terreiro, esse ambiente é utilizado para rituais de invocação para curas ou agradecimentos de promessas feitas por pessoas que tiveram seu pedido realizado.



Na sequência, se deslocam para um outro Terreiro próximo, onde ocorre a abertura do Terreiro e a Puxada do Cipó. Trata-se de um tipo de cabo de guerra, em que só os homens e os Praiás misturados, divididos em dois grupos, medem forças. E por ser corrente de força, tem para a etnia Katokinn a finalidade de proteção, evitando malefícios à saúde de seus integrantes. Esse aspecto é bem documentado por Peixoto.

[...] e lá, com a presença e a torcida da comunidade realiza a Puxada do Cipó, que é semelhante a um cabo de guerra disputado entre dois grupos. É uma disputa de força, onde os dançadores e os Praiás se dividem em grupos que se posicionam em lados opostos, segurando na ponta do cipó e ao sinal de um cantador, puxam cada um para o seu lado; vence o grupo que conseguir arrastar o outro por alguns metros: tal ritual é tido como prenúncio da safra dos alimentos. Se o grupo vencedor for do lado Oeste, significa que terão uma boa safra e um ano de fartura, caso contrário, é sinal de escassez de chuvas e que precisam se preparar para enfrentar as suas consequências no ano em curso. (PEIXOTO, 2018, p.126).

De acordo com Peixoto a Puxada do Cipó prevê como se dará a safra no determinado ano, sendo assim, dependendo do resultado a comunidade se prepara para a colheita, seja ela boa ou ruim. Além disso, as Corridas também representam uma proteção oculta aos povos indígenas, principalmente para os Katokinn. A fotografia abaixo mostra a Puxada do Cipó.

FOTOGRAFIA 3: Puxada do cipó.



Autor: Leticia Valentim /Arquivo pessoal (2021).

Durante a Abertura do Terreiro, enquanto os cantadores entoam os toantes, os Praiás conduzem o Cipó, que servirá como um cabo de guerra, momento esperado pela comunidade e pelo público. Então, depois da Puxada do Cipó, retornam ao primeiro Terreiro, dão uma volta e se dirigem ao Poró, guardam o Cipó e, mais uma vez, no Terreiro, dançam três Torés.

Estes ciclos ocorrem no primeiro final de semana de dezembro. Então, apenas em março, os demais ciclos se desenrolam durante quatro finais de semana, terminando um domingo antes do Domingo de Páscoa.

### As Corridas do Umbu



Chegando em fevereiro, dependendo do início do ritual do Tronco Pankararu, vamos ter as novas etapas ou ciclos do evento, com aspectos que se repetem como ocorreram na primeira fase. Nos quatro sábados o rito se inicia com a saída dos Praiás e finaliza ao amanhecer com o Toré. Algumas diferenças vão ocorrer aos domingos. Nos três primeiros domingos o ritual tem a mesma sequência, com a dança dos Praiás e demais atividades. Em todos os domingos o pirão de carne de boi ou de carneiro é servido em pratos de barro no almoço. No entanto, uma umbuzada é servida no terceiro e no último domingo das Corridas.

No período da tarde, se juntam no Terreiro, os Praiás as mulheres-dançadeiras e os homens-dançadores com os torsos, braços, pernas e rostos pintados com o Barro Sagrado - Toá. Oferendas são trazidas pelas moças, em um cesto de Cipó, para as Corridas do Cansanção. No último domingo, a celebração ocorre praticamente da mesma forma, porém, com algumas variações. Os elementos da oferenda são modificados, não havendo a queima do Cansanção e o evento se encerra com a segunda umbuzada e o Fechamento do Terreiro.

Alguns elementos desse ritual precisam ser melhor detalhados: o Toá é uma argila retirada da Fonte Grande, uma minação ou nascente de água, de forma ritualística para as Corridas do Umbu. Já o Cansanção é uma planta conhecida popularmente por urtiga, que ao entrar em contato com a pele causa ardência, coceira e inchaço. Ela é retirada da natureza apenas pelos dançadores antes do ritual, uma hora antes do Pirão dos Praiás. O Pirão é um prato típico nordestino, conhecido nacionalmente, sendo feito com caldo de carnes ou peixes e farinha de mandioca engrossada enquanto ferve no fogo.

Na foto a seguir, pode-se ver os Praiá com pratos de barro servidos com arroz, pirão e carne.

FOTOGRAFIA 4: Oferenda do prato



Fonte: Autor desconhecido.

De posse dos pratos, eles dão uma volta no Terreiro e depois se recolhem ao Poró para fazerem a refeição. Na sequência, o alimento é servido às dançadeiras e dançadores, aos visitantes e por último aos integrantes da aldeia. A seguir, os dançadores se pintam com toá e

se unem aos Praiás, no Terreiro para, portando o Cansanção, cujo uso nas Corridas do Umbu tem a finalidade de sacrifício, como enfatiza Amorim.

No último fim de semana do ritual, as festividades são encerradas com a oferenda do umbu, entregues aos ou ao encantado (s) (“dono/s do terreiro”). No final da tarde, existe a “queimada do cansanção”: começa no terreiro uma dança da qual participam homens e mulheres com um galho de “cansanção”; O toré é dançado cada vez mais rápida e animadamente, enquanto a pessoa se queima com a planta; chega um momento em que a mesma é depositada no meio do terreiro, formando uma “montanha de urtiga, que vai sendo pisada até ser totalmente destroçada pelos dançantes, tornando-se, desta forma, uma dança-ritual de resistência e coragem, já que a mesma ocorre em pleno verão, o que provoca ainda mais comichão na pele já queimada do cáustico sol do sertão. No finalzinho da tarde, com o sol se pondo, se o cansanção já estiver misturado com a terra, é a hora de “fechar o terreiro” e todo batalhão de praiá se recolhe, o ciclo ritual é fechado e o terreiro está protegido de elementos maléficos. (AMORIM,2010, p.83).

Dessa forma, descrita com detalhes por Amorim, ocorre a queima do Cansanção, como mostra a foto a seguir

FOTOGRAFIA 5: Queimada do cansanção



Autor: Ludimila Valentim (2017).

Na foto anterior, destacamos o Cansanção que é colocado no centro do Terreiro, após a queima, sendo pisado pelos Praiás. No último final de semana não acontece a queima nem a pisada pelos Praiás. As diferenças vão ocorrendo em cada povo seja por repetição, acréscimo ou supressão, conforme as características identitárias de cada um.

Em todos os domingos da festa, as oferendas colocadas no cesto são compostas por frutas e cereais. Quanto aos Cestos de Cipó usados pelas moças, cabe acrescentar alguns detalhes: o cesto é conhecido como um artesanato feito à mão com fibras de cipó que é usado nas Corridas do Umbu para transportar as oferendas de um Terreiro para o outro e também para a busca do umbu no mato, como mostra a foto a seguir:

FOTOGRAFIA 6: Oferenda dos cestos



Autor: Leticia Valentim /Arquivo pessoal (2022).

Como pode ser visto na foto, os alimentos e frutas são oferecidos aos Encantados. Porém, fica a critério de cada um escolher o que colocar; vale ressaltar que durante as três semanas devem ser colocados os mesmos produtos. A fotografia a seguir apresenta um momento de coleta do Umbu para a umbuzada.

FOTOGRAFIA 7: Dançadeiras colhendo o umbu



Fonte: Isabelisa Cordeiro Ferreira de Souza (2014)

Na última semana do evento ritualístico, cada dançadeira fica responsável de ir no mato à procura dos umbus para preparar a umbuzada que será servida no encerramento da festividade. No entanto, o que mais caracteriza esse momento é a solidariedade entre elas, tanto para encher os cestos quanto para carregar na hora de passar pelos arames farpados, no retorno. Barreto enfatiza esse aspecto comum em algumas aldeias da região:

Homens e mulheres têm tarefas distintas e pré-determinadas. As mulheres têm o papel de preparar os cestos com frutos, comidas e bebidas, que serão ofertados ao “Encantado Mestre” e geralmente são colocados como forma de pagamento de promessas. Os homens preparam os ramos de cansação [...] que serão utilizados na “Queima do Cansação” indo procurar e recolher ramos dessa planta nas áreas próximas. (BARRETTO, 2010, p.125).

Apesar de atribuições diferentes, mulheres e homens possuem papéis de grande importância, sem os quais o ritual não pode ser realizado, pois o trabalho de um complementa o do outro. Desta forma, é preciso a colaboração entre homens, mulheres e diversos grupos para que o ritual aconteça corretamente. Um destaque importante é a feitura da garapa, preparada por um líder, no caso da foto, pela maior liderança de Katokinn, que é uma mulher cacique.

FOTOGRAFIA 8: Cacique preparando a garapa



Fonte: Autor desconhecido

Uma mulher ocupando o cargo de cacique ainda é raro em Alagoas e no Brasil, mas, aos poucos, as mulheres vão conquistando espaço nas aldeias. O que leva a apresentação da segunda parte deste trabalho, considerando as lideranças femininas Katokinn e o papel delas no ritual. Mas nem tudo é fácil e linear nessa questão que envolve tais papéis.

## Resultado e discussão

As discussões sobre a questão de gênero se impõem pela temática abordada na pesquisa, mesmo não ocupando papel central nessa escrita, tornam-se necessárias pelo diálogo com a parte empírica que compartilha do objetivo de identificar como a importância do ritual, é percebida e expressada atualmente por algumas lideranças.

O protagonismo das mulheres, é inegável e fundamental, assim como o papel do ritual na comunidade é imprescindível, e esse estudo aborda como tal importância é percebida e descrita pelas entrevistadas. Nos relatos a seguir quatro entrevistadas<sup>8</sup> descrevem sobre como elas vêem o papel feminino no ritual:

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com a Cacique Nina, com D. Maria José, Veronice e Lucineia, nas suas residências, na Aldeia Katokinn, em janeiro de 2020.

Olha, a importância, ela é um ritual sagrado e é uma maneira que o nossos antepassados acharam de dar uma...uma oferenda para...para os encantado, pra que eles tivesse mais poder e força de tomar conta de sua comunidade (ARAÚJO, 2020).

A fala da entrevistada deixa claro como ela percebe a grandiosidade da comunicação entre a comunidade e o Encantado e destaca a forma como a oferenda exerce a aliança entre os dois mundos. Contudo, é notório o cuidado com o relato que é posto, sem apresentar detalhes desses papéis. Na mesma perspectiva, a segunda entrevistada não responde sobre o papel feminino no ritual e afirma que

A importância da corrida do imbu é tudo ná pru que primeiro tem flechamento, né? Aí eles para aí conde dá a data que chega época dos imbu mermo aí é ... é o peparamento das corrida, dos cesto, de botare os cesto, né? E dançar no Cansação (ARAÚJO, 2020).

A mesma forma cuidadosa em não revelar detalhes do seu sagrado foi observada neste relato. Isso nos deixa com uma inquietação se tal fato se dar por preciosismo ou por não querer transpor sua compreensão para a narrativa.

Muito grande praquê a gente tem nossas coisas que a também a gente não pode, né? entrar em detalhes, maize...é muito ...é muito importante...um divertimento prá aldeia que a gente não participa das festas dos...participa mas não participa...que tem que ter a nossa festa, que nós cunsidera como nossa festa dentro da aldeia (SANTOS, 2020).

Essa entrevistada não só procurou desviar o foco da pergunta quanto deixou clara a sua intenção de não dar detalhes desse evento, reforçando a dúvida que me acompanhou durante a transcrição das entrevistas, discurso perceptível na fala a seguir, na qual também não houve um relato objetivo para a nossa questão inicial:

A importância da corrida do imbu é que quando nós vamo fazer a corrida do imbu, nós se peripara e vamo fazer a corrida do imbu, colocar o imbu no cesto, né? E vamo fazer a corrida do umbu (SILVA, 2020).

Com base nas entrevistas, posso afirmar que essas narrativas sobre a importância do Ritual não correspondem ao que as lideranças femininas representam e compreendem sobre as Corridas do Umbu. Pelas suas condições de mulheres criadas nos segredos da religião indígena, as entrevistadas não possuem o hábito de falar sobre seu sagrado, mesmo eu sendo uma delas.

Aqui, trago minha fala como mulher indígena, secretária escolar e estudante de Pedagogia Intercultural em uma Universidade estadual. Uma jovem que era criança quando aconteceu o reconhecimento étnico do povo Katokinn e foi criada assistindo e participando, todos os anos, desse Ritual. Ver as mulheres, sua importância religiosa e capacidades externadas ao longo dos anos, me colocou em um estado de preocupação ao transcrever as suas falas, pois se não houver registro, mesmo que oral, a tradição tende a ter seus sentidos e significados pouco conhecidos pelas gerações futuras.

Ler os fragmentos destacados nas falas das entrevistadas parecia que estava diante das falas de outras mulheres, estranhas à cultura e não da fala daquelas que sabem fazer, acontecer



e liderar. Isso me provocou algumas reflexões e muitas coisas vieram ao meu pensamento, destacando a necessidade de questionar se elas, pelo cuidado de não revelar detalhes da religião, não estariam deixando de compartilhar o seu real significado e importância? Estariam esquecendo ou apenas preservando? A minha convivência cotidiana com elas e com o ritual me diz o contrário.

### **Considerações finais**

Na aldeia, é perceptível o quanto esse ritual é fundamental para o fortalecimento étnico cultural e para a resistência do grupo, tendo como foco principal proteger a comunidade de malefícios que possam lhe trazer danos. O referido ritual deve ser mantido com responsabilidade e assiduidade, anualmente, para que a corrente de proteção não seja rompida.

A principal importância do Ritual é caracterizar o ser Katokinn, sua identidade, sua resistência, alimentar os ancestrais e renovar a aliança com eles para fortalecer a luta. No entanto, tem como um dos resultados a visibilização de uma narrativa feminina diferente de seus fazeres na comunidade, enquanto lideranças, fortes conhecedoras do Ritual e algumas das principais responsáveis por sua execução ao longo dos anos, ao falarem dele, suas falas cuidadosas e cercadas de preciosismo não correspondem à totalidade do que fazem e representam.

É notório que ao longo da pesquisa, por questão de opção, houve ausência de narrativas masculinas, porém vale ressaltar que a importância do gênero feminino não é maior ou menor do que a importância do gênero masculino, pois cada um exerce seu papel com responsabilidade específica e ambos são fundamentais para que o ritual aconteça de acordo com a tradição.

Considerando a questão de gênero que apareceu como não sendo objeto ou objetivo da pesquisa, torna-se necessário explorar essa temática em outros estudos. Pode-se perceber que ter um cacique mulher e muitas lideranças femininas não significa que não existam fragilidades e estas são perceptíveis na análise discursiva. A força feminina se revela nos fazeres e nos papéis desempenhados pelas mulheres na tradição religiosa dos Katokinn. Destaca-se que é melhor fazer do que falar e não fazer. O que realmente significa a fragilidade discursiva diante de uma capacidade de fazer acontecer e ser liderança?

A necessidade de levantamento de alguns pressupostos a serem investigados em estudos posteriores com base na questão de gênero, autoestima ou outras questões relacionadas ao falar para alguém que além de indígena, está na condição de estudante universitária.



## Referências Bibliográficas

- AMORIM, Siloé Soares de. **Resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão alagoano**. Maceió: Iphan, 2017.
- ARAÚJO, Maria das Graças Soares de. **Comunidade Katokinn**. Jan.2020. Entrevistador (a): Letícia Alves Valentim. Aldeia Katokinn, Pariconha-AL, 2020, Entrevista gravada em formato M4a.
- ARAÚJO, Maria José Soares de. **Comunidade Katokinn**. Jan.2020. Entrevistador (a): Fernanda Gabriela Alves Lima do Nascimento. Aldeia Katokinn. Pariconha-AL, 2020, Entrevista gravada em formato M4a.
- BARRETTO, Juliana N. Rebelo. **‘Também sou Ponta-de-Rama’** (Uma abordagem Identitária dos Índios no Sertão Alagoano), TCC apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da UFAL, Maceió. 2007.
- BARRETO, Juliana Nicolle Rebelo. **Corridas do imbu: rituais e imagens entre os índios Karuazu**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco -UFPE. Recife, 2010.
- BATALHA, Valmir dos Santos. **Os rituais Pankararu: memória e resistência**. Doutorado em ciências sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.PUC-SP.São Paulo, 2017.
- DICIO. **Dicionário on-line de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cipo-2>. Acesso em 19 de maio de 2022.
- PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Minha identidade é meu costume: Religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó**. Alagoas. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. UNICAP, Recife, 2018.
- SANTOS, Lucinéia dos. **Comunidade Katokinn**. Jan.2020. Entrevistador (a): Fernanda Gabriela Alves Lima do Nascimento. Aldeia Katokinn, Pariconha-AL, 2020, Entrevista gravada em formato M4a.
- SILVA, Veronice Pereira da. **Comunidade Katokinn**. Jan.2020. Entrevistador (a): Fernanda Gabriela Alves Lima do Nascimento. Aldeia Katokinn, Pariconha-AL, 2020, Entrevista gravada em formato M4a.